

## **A CONSTRUÇÃO DO FANTÁSTICO A PARTIR DE ELEMENTOS NATURAIS: UM OLHAR SOBRE “A LUZ É COMO A ÁGUA”**

**PIETRO DE SOUZA ULGUIM<sup>1</sup>; PAULO AILTON FERREIRA DA ROSA JÚNIOR<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [pietrodesouzaulguim@gmail.com](mailto:pietrodesouzaulguim@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [paulo.ailton@ufpel.edu.br](mailto:paulo.ailton@ufpel.edu.br)

### **1. INTRODUÇÃO**

O gênero do Realismo Mágico, cujo surgimento como fenômeno literário latino-americano se deu na primeira metade do século XX, é delineado por uma série de fatores que o distingue das demais categorias de literatura fantástica. Dentre eles, está sua maneira particular de retratar eventos inusitados e até mesmo sobrenaturais de forma corriqueira, como parte indissociável da vida cotidiana. Para o crítico brasileiro Davi Arrigucci, o gênero pode ser definido como a “oscilação ambígua entre real e irreal em suas narrativas” (Arrigucci, 1999, p. 118).

Doravante, a principal característica que confere a essas narrativas a aceitação do extraordinário como parte fundamental da existência é, objetivamente, a estruturação do fantasioso a partir dos elementos naturais. Dito de outra forma, é a naturalização com base naquilo que é familiar ao homem que torna o irreal acreditável.

No conto *A Luz é Como a Água*, do colombiano Gabriel García Márquez, pode-se observar de maneira específica a construção de um cenário fantasioso que tem por base os elementos da natureza, isto é, a água e a luz (fogo), dadas as suas propriedades igualmente fluidas. Ao longo da história, que se passa em um apartamento na cidade de Madrid, desenrolam-se as aventuras de dois irmãos (Joel e Totó) que, depois de ouvirem de um poeta que “a luz é como a água”, passam a literalmente navegar dentro de casa pelas ondas luminosas provocadas pela fruição da eletricidade. Assim, o que era, no começo, um espaço restrito e estático, é expandido pela instituição da fantasia. Não se trata apenas de uma convenção sobrenatural, mas sim de um fenômeno de natureza poética.

Portanto, o presente trabalho tem por finalidade produzir uma análise apurada do conto e discorrer, a partir de sua compreensão, sobre uso de elementos naturais como base para a materialização da fantasia dentro das convenções do gênero Realismo Mágico.

### **2. METODOLOGIA**

Para tanto, foi realizada a leitura da obra supracitada e de outros materiais que pudessem contribuir de forma significativa para sua análise e compreensão, tais como textos de Tolkien (1964), Carlos Reis (1999) e Davi Arrigucci (1999). Essas referências fizeram-se importantes pois proporcionaram uma visão mais aprofundada dos aspectos considerados fundamentais para entender o gênero em questão, a fim de formular esta investigação qualitativa.

Igualmente relevantes foram os exercícios de leitura e discussão de textos teóricos sobre gênero e espaço narrativo, que mostraram-se imprescindíveis para

a realização deste trabalho, bem como a leitura de textos técnicos a respeito de *A Luz é Como a Água* que serviram de norte para a pesquisa (URZEDO, 2011).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do exposto, entende-se que é próprio do gênero Realismo Mágico e, de certa forma, primordial para ele, o uso de elementos naturais que possam dar sustento ao fantástico, de maneira a não torná-lo um fenômeno desconexo da realidade e, de fato, aceitável. Nesse caso, trata-se não de uma ocorrência accidental, mas da fantasia intencional em sua essência, evidenciada por Tolkien da seguinte maneira: “a fantasia é uma atividade racional, não irracional” (Tolkien, p. 57). Na narrativa em questão, observa-se o Realismo Mágico como tendo início em uma imagem poética, ou seja, partindo de uma figura de linguagem que existia somente no campo metafísico, descrita por Luma Maria Urzedo:

A luz deixa de ser um fenômeno físico e passa a ser um fenômeno fantástico devido ao olhar lançado pelos meninos. Os garotos passam do ordinário ao extraordinário já que a luz revela o desejo onírico, a profundidade e leveza de seus olhares. (URZEDO, 2011, p. 3)

Assim, quando a narrativa passa a ter ênfase no evento surreal, nota-se a expansão do espaço físico da mesma: o que era, até então, um apartamento simples e cômodo para uma típica família europeia, tornou-se um oceano navegável com inúmeras possibilidades de ação e perigos reais, como comprova o seguinte trecho: “No final do corredor, Totó estava sentado na popa do bote, [...] buscando o farol do porto até o momento em que houve ar nos tanques de oxigênio” (MÁRQUEZ, 2024, p. 221). Os elementos, então, ao mesmo tempo que representam a fundação de um universo secundário inédito, também assinalam a união da subcriação com o Mundo Primário, daí sua potência como aspecto de base. O teórico Carlos Reis discorre sobre o sentido de espaço aqui tratado de maneira pontual.

Num plano mais restrito, o espaço da narrativa centra-se em cenários mais reduzidos: a casa, por exemplo, dando origem a romances que fazem dela o eixo microcósmico em função da qual se vai definindo a condição histórica e social das personagens [...] (REIS, 1999, p. 362)

Nesse sentido, o elemento fogo (luz), posto em semelhante funcionalidade com o da água, estabelece um diálogo direto com as personagens por, justamente, representar a capacidade de transformação e energia:

Um jorro de luz dourada e fresca feito água começou a sair da lâmpada quebrada e deixaram correr até que o nível chegou a quatro palmos. Então desligaram a corrente, tiraram o barco e navegaram com prazer entre as ilhas da casa. (MÁRQUEZ, 2024, p. 218)

Sob essa lógica, a utilização desses elementos comuns como alicerce da ‘magia’ é um relevante demarcador das relações que o imaginário literário estabelece com a natureza: é o próprio cotidiano que fornece as ferramentas necessárias para delinear os artifícios narrativos que permitirão a fuga do previsível. Nas palavras do próprio autor, em entrevista, “É só realismo. A

realidade é que é mágica. Não invento nada. Não há uma linha nos meus livros que não seja realidade.” Para além da exaltação da própria vivência, essa frase pode ser interpretada de forma literal, uma vez que todos os recursos que compõem a narrativa fantástica estão disponíveis no Mundo Primário; resta ao autor saber como empregá-los.

O gênero é, portanto, composto por transformações de ordem material com fortes raízes poéticas, legitimadas e postas em prática pelo espaço da narrativa e seus atributos de expansão e contração de acordo com o que demandam os rumos da história que é contada. A articulação do item elemental, por sua vez, é o elo que, ao mesmo tempo que expõe o componente orgânico da vida real, também é o alvo do exagero e da sinestesia capazes de fazê-lo objeto central da subcriação.

#### 4. CONCLUSÃO

O Realismo Mágico, por conseguinte, perpetua-se como um gênero tão único não somente pela sua capacidade de expressar a fantasia dentro do Mundo Primário, mas também pela maneira como emprega elementos poéticos para evidenciar que o extraordinário tem suas raízes no ordinário. Tal ocorrência se dá, nesse sentido, pela maneira como se apropria da crença popular, da presença da natureza no dia a dia e, acima de tudo, dos mecanismos da própria linguagem, erguendo universos inteiros a partir de complexas estruturas poéticas e até mesmo interpretações infantis, como se vê em *A Luz é Como a Água*. Assim sendo, a “magia” no Realismo Mágico não se afasta da realidade: ela a reconfigura, ampliando o horizonte de sentido e permitindo que o leitor reconheça, no fantasioso, a essência poética do mundo que já habita.

O espaço da narrativa, como organismo vivo que ajuda a integrar a história, é também um fator determinante para o sucesso da revitalização e resignificação dos elementos naturais, visto que atua como meio para a metamorfose dos mesmos. Consequentemente, reconhece-se esse espaço como parte da fantasia, seja ele uma expansão do Mundo Primário ou um universo secundário, haja vista que, sem suas competências de flexibilização, a articulação da “magia” seria inviável.

#### 5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

**ARRIGUCCI, Davi.** *Outros Achados e Perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

**In: MÁRQUEZ, Gabriel García.** *Doze Contos Peregrinos*. Tradução de ERIC NEPOMUCENO, Rio de Janeiro: Record, 2024.

**In: REIS, Carlos.** *O Conhecimento da Literatura*. Coimbra: Almedina, 1999.

**TOLKIEN, J. R. R.** *Árvore e Folha*. Tradução de Reinaldo José Lopes, Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2020.

**URZEDO, Luma Maria.** *A Luz é Como a Água, de García Márquez: a Criação de Um Universo Fantástico.* Revista de Estudos Linguísticos e Literários, Uberlândia, v. 4, p. 143-147, 2011.